

V!RUS

Revista do Nomads.usp
Nomads.usp Journal
ISSN 2175- 974X

desenhando coexistencia | designing coexistence | sem 2-10

Como citar esse texto: ALMEIDA, M. A. Filmando a coexistência: cinema, cidade, sociabilidade. **V!RUS**, São Carlos, n.4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=8&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.

Filmando a coexistência: cinema, cidade, sociabilidade

Marco Antônio de Almeida

Marco Antônio de Almeida é bacharel e Doutor em Ciências Sociais na área de Cultura e Política. Professor no curso de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Há um velho ditado alemão, repetido desde a Idade Média, *stadluft macht frei*, o ar da cidade liberta. Registra a percepção popular das coisas surpreendentes que podem acontecer na cidade, diferentemente de outros lugares, e que são decorrentes do contato com o “outro”. Esse outro pode ser um próximo, um equivalente, ou alguém diferente, distante. Há aqui uma ambigüidade que permeará a discussão sociológica alemã na virada entre os séculos XIX e XX: a oposição comunidade *versus* sociedade, e as diferentes formas de sociabilidade engendradas em cada um desses agrupamentos humanos. A coexistência é problematizada, dessa forma, pela rigidez ou fluidez das fronteiras que os indivíduos e grupos estabelecem entre si, demarcando as pontes e muros — concretos e/ou simbólicos — que os unem e os separam no espaço urbano. Longe de retomar essa discussão, proponho aqui um passeio por alguns filmes que em alguma medida dialogam com essas questões.

Um dos traços definidores da comunidade é a “unidade espiritual”, que faz com que os valores unificadores sejam valorizados. Isso leva muitas vezes ao controle de aspectos cotidianos da vida dos indivíduos, implicando até na sua segregação do contato com outros não-pertencentes à comunidade. Uma perfeita ilustração dessa situação esta em *A Vila* (EUA, 2004, direção de M. Night Shyamalan). A vila do título parece ser o local ideal para se viver, tranqüila e isolada do mundo, onde todos são amigos e vivem em harmonia. Mas esta comunidade idílica passa por mudanças quando os habitantes descobrem que o bosque que o cerca esconde misteriosas e perigosas criaturas. O medo de ser a próxima vítima, e o pacto entre o povo da vila e as criaturas que residem na floresta circundante, faz com que nenhum

habitante se arrisque a entrar no bosque. São criados postos de vigia, que servem tanto para afugentar as criaturas como para se certificar de que ninguém tente fugir da vila.

<http://www.youtube.com/watch?v=PYKUkrqAjl0>

O medo como fonte de unidade e solidariedade é uma aliança precária, e as fronteiras que estabelece estão sempre a ponto de partirem-se. A situação de isolamento ideal preconizada em *A Vila* logo revela sua artificialidade e insustentabilidade. Porém, na passagem da pequena comunidade à cidade grande, o medo do outro permanece. Aqui, as fronteiras se repõem de outra forma. Fronteiras são artificiais e construídas, e necessitam esforço pleno e constante para sua manutenção. A presença dos estrangeiros tende a apontar essa artificialidade e seus limites, concorrendo para acirrar, muitas vezes, o conflito entre grupos. Segregação e movimento na cidade: no caso de nossas sociedades urbanas, os contornos são muito mais voláteis, vivemos juntos em grande densidade proporcional e no curso de nossos cotidianos, atravessamos ou nos defrontamos com grupos os mais diversos. É o que ocorre em *O Ódio* (França, 1995, direção Mathieu Kassovitz), onde um trio de jovens do subúrbio francês — um judeu, um negro e um argelino — ultrapassam as fronteiras de seu gueto e percorrem Paris gerando uma série de conflitos.

http://www.youtube.com/watch?v=_NwS0wKB2GE

Essa coexistência conflituosa não é prerrogativa européia ou americana: *Contra Todos* (Brasil, 2004, direção Roberto Moreira) mostra a falta de perspectiva instalada no cotidiano de uma família do subúrbio paulistano, e a busca desesperada de seus protagonistas em tentar superar estes limites. Em ambos os filmes, a grande cidade, em sua ambivalente sedução e opressão, paira indiretamente sobre os atos e falas dos núcleos retratados nas narrativas, gerando os conflitos que acabam por dissolvê-los de forma trágica.

<http://www.youtube.com/watch?v=forGir66-Eg>

Identidade e alteridade se revezam no jogo de estabelecer fronteiras, nos deixando ora de um lado, ora de outro, das linhas simbólicas que traçam. Essa pode ser a vivência das três mulheres que se encontram no *road-movie* do diretor Amos Gitai, *Free Zone* (Israel, 2007). Uma americana de pai judeu, uma israelense e uma palestina, que se dirigem juntas a uma zona de livre comércio, localizada na Jordânia. Irmanadas na condição feminina, separadas na vivência étnica, cultural e etária, verão essas fronteiras se construindo e desconstruindo ao seu redor no decorrer de toda a viagem.

<http://www.youtube.com/watch?v=NdBxel9KZcg>

Essa porosidade das fronteiras, que denuncia sua arbitrariedade, pode ser percebida também no início de *Minha Adorável Lavanderia* (Inglaterra, 1986, direção de Stephen Frears). Uma das personagens diz ao protagonista, Omar, filho de paquistaneses, que já está farta dos "in-betweens", expressão para alguém que está sempre no intervalo entre uma coisa e outra, mas que nunca se decide de que lado ficar. Essa fala revela a tensão de uma geração de filhos de

imigrantes, perdida entre uma cultura da qual não guarda qualquer traço interior (mas cuja presença se manifesta pela cor da pele e feições do rosto), e uma Inglaterra na qual eles nasceram, mas que paradoxalmente os taxa de estrangeiros. Por outro lado, o *in-between* também se aplica à vivência íntima de Omar, dividido entre as obrigações heterossexuais impregnadas na tradição familiar e sua homossexualidade. São muitas as opções à frente do protagonista, envolvendo seu posicionamento diante de fronteiras culturais, sociais e sexuais.

<http://www.youtube.com/watch?v=xzSdRNxWJbs>

Romper as barreiras que separam e segregam os indivíduos — primeiramente as de classe, mas depois também as de gênero, étnicas, religiosas — sempre foi o sonho das utopias revolucionárias. Lutar por uma sociedade mais justa mobilizou muitas pessoas, como os pais da pequena Anna de *A culpa é do Fidel* (França, 2006, direção de Julie Gavras), que após voltarem de uma viagem ao Chile de Allende, engajam-se na militância política. A pequena Anna, entretanto, vê com medo essa nova realidade modificar seu mundo até então dividido entre o entorno familiar e a escola católica. Alertada pela babá cubana acerca do perigo representado por Fidel Castro, ela vê sua casa tomada pelos estranhos e barbudos amigos de seu pai, além de uma constante troca de babás vindas de países distantes ... Assustada, Anna resiste ao seu modo, mas aos poucos constrói uma nova compreensão do mundo. A educação política vai de par com a educação sentimental, ancoradas na coexistência com o outro.

<http://www.youtube.com/watch?v=RFq46Y5GVtM>

A queda do muro de Berlim em 1990, entretanto, parecia ter carregado consigo as utopias transformadoras. O capitalismo vencera, e o livre mercado, agora global, seria a arena igualitária onde todos poderiam realizar seus sonhos, dependentes apenas do esforço individual de cada um. Mas não é o que pensam os jovens protagonistas de *The Edukators* (Alemanha, 2005, direção de Hans Weingartner) Os amigos Jan e Peter protestam contra a concentração de renda, invadindo casas de membros da alta sociedade, bagunçando seus móveis e objetos, mas nunca roubando nada nem machucando ninguém. O objetivo é desestabilizar o senso de segurança dos ricos. Enquanto Peter está fazendo uma viagem, Jan e Jule, namorada de Peter, realizam uma ação que acaba dando errado, e são obrigados a seqüestrar Hardenberg, um empresário que havia sido militante estudantil em 68. A partir daí os jovens radicais se aproximam do rico burguês e se desenrola uma história que mostra um conflito de gerações e visões de mundo, onde todos começam a questionar seus valores. A ação política e a possibilidade de mudar o mundo, assim como a política do cotidiano, dos relacionamentos interpessoais, são revistas e repensadas diante dos dilemas contemporâneos.

<http://www.youtube.com/watch?v=MB1UMfC8koc>

No plano dessa micro-política da convivência cotidiana, vale a pena assistir a *O Visitante* (EUA, 2009, direção de Tom McCarthy). Walter Vale, um solitário professor recentemente viúvo, vê-se forçado a regressar a Nova Iorque para assistir a uma conferência e encontra o seu apartamento ocupado por um jovem casal de imigrantes ilegais. Depois de esclarecida a

intromissão, Walter convida o casal – o sírio Tarek e a sua namorada senegalesa, Zainab – a ficarem como hóspedes. Desenvolve-se a partir daí uma improvável amizade entre o pacato professor e o jovem músico. Mas este interlúdio ameno é quebrado pela injusta prisão de Tarek e sua possível deportação, que mobiliza Walter a empreender uma verdadeira cruzada pela libertação do músico. Embora o filme aborde a questão das políticas de imigração com certa ingenuidade, esse é o contexto e não o tema central da obra, o que não chega a comprometê-la.

<http://www.youtube.com/watch?v=mGjjx3WmSE>

De que fala *O Visitante*? Fala de fronteiras, culturais e legais, fala da globalização, fala da distância social. Mas fala principalmente da verdadeira preocupação com o outro. Zygmunt Bauman recorda um professor de Antropologia que lhe disse que o despertar da sociedade humana podia ser assinalado pela descoberta de um fóssil. Era um esqueleto humano que mostrava uma perna quebrada ainda na infância – embora o indivíduo tenha sobrevivido até os 30 anos. Na visão do professor de Bauman, a sociedade humana nasce dessa compaixão e desse cuidado com o outro. Levar essa compaixão e essa preocupação com outro, do nosso cotidiano para um nível local, depois até o global, é o desafio que nos aguarda. Soa utópico, mas o que são a cidade, e o cinema, senão os espaços de criação e construção de utopias?